



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTE**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**CURSO: LETRAS – LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA/  
LÍNGUA PORTUGUESA  
COM BACHARELADO EM TRADUÇÃO**

*“Tradução e cultura:*

*Goethe, Schleiermacher, Berman, Brisset – um estudo comparativo”*

**Aluna: Teiko Yamagaki**

**SÃO PAULO 2013**

**Teiko Yamagaki**

*“Tradução e cultura:*

*Goethe, Schleiermacher, Berman, Brisset – um estudo comparativo”*

**LETRAS – LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA/  
LÍNGUA PORTUGUESA  
COM BACHARELADO EM TRADUÇÃO**

Monografia apresentada à Banca Examinadora da FAFICLA, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Tradução de Língua Inglesa e Língua Portuguesa sob a orientação da professora doutora Glória Regina Loreto Sampaio.

**FAFICLA – PUC-SP**

**2013**

**Membros da Banca:**

---

---

---

**Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste trabalho por processos eletrônicos ou de fotocópias.**

---

**São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013**

## **AGRADECIMENTOS**

À professora doutora Glória Regina Loreto Sampaio pela orientação na elaboração deste trabalho e, principalmente, pela amizade, paciência e apoio.

Aos professores de graduação da PUC-SP pelo conhecimento e experiência que foram transmitidos durante as aulas.

Ao meu esposo pelo incentivo ao retorno à vida acadêmica.

Ao meu filho que nascerá em julho deste ano pela alegria que trará para mim e para meu esposo.

Aos meus familiares e amigos pelo apoio à continuidade dos estudos e à vida profissional.

## **RESUMO**

Este estudo pretende identificar e refletir criticamente sobre as influências culturais no processo da tradução e sobre o impacto da tradução nas culturas envolvidas, com base nas perspectivas teóricas de Goethe, Schleiermacher, Berman e Brisset, sobre as relações entre tradução e cultura. Acredita-se, com este trabalho, poder contribuir para uma maior conscientização a respeito das relações intrínsecas e inescapáveis entre tradução e cultura. Para tanto, apresentaremos as teorias propostas pelos quatro teóricos e identificaremos a importância de aspectos culturais no processo tradutório. Finalmente, faremos um estudo comparativo das perspectivas dos quatro teóricos, buscando possíveis pontos de convergência entre suas percepções sobre tradução e cultura.

Palavras-chave: tradução; cultura; língua; sociedade.

## **ABSTRACT**

Drawing on theoretical perspectives by Goethe, Schleiermacher, Berman, and Brisset concerning the relationships between translation and culture, this study aims at identifying and reflecting critically on the cultural influences in the translation process and the impact of translation on involved cultures. This study may contribute to a higher consciousness regarding the intrinsic and inescapable relationships between translation and culture. Therefore, we present the theories proposed by the aforementioned scholars, highlighting the importance of cultural aspects in the translation process. Finally, we present a comparative study of perspectives of four theorists, in an attempt to detect possible points of convergence between their perceptions about translation and culture.

Key-words: translation; culture; language; society.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I: A CONCEPÇÃO DE TRADUÇÃO DE TEÓRICOS DE LÍNGUA ALEMÃ DO SÉCULO XIX.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1. Johann Wolfgang von Goethe.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2. Friedrich E. D. Schleiermacher.....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO II: A VISÃO DE TRADUÇÃO DE TEÓRICOS DE LÍNGUA FRANESA DO SÉCULO XX.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1. Antoine Berman.....</b>	<b>22</b>
<b>2.2. Annie Brisset.....</b>	<b>27</b>
<b>CAPÍTULO III: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE PERSPECTIVAS DE GOETHE, SCHLEIERMACHER, BERMAN E BRISSET EM RELAÇÃO A TRADUÇÃO E CULTURA.....</b>	<b>33</b>
<b>3.1. Tradução como um fator de formação da cultura.....</b>	<b>33</b>
<b>3.2. Tradução, cultura e sociedade.....</b>	<b>37</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>44</b>

## INTRODUÇÃO

Este estudo se justifica por almejar contribuir para uma maior conscientização a respeito das relações intrínsecas e inescapáveis entre tradução e cultura, apresentando, identificando e destacando a importância de aspectos culturais no processo tradutório, assim como a identidade cultural formada e refletida na tradução. Por ser uma tarefa que transcende o fator linguístico, a tradução implica a prática e o conhecimento das culturas envolvidas.

A língua é um elemento indispensável para a realização de um ato comunicativo, mas não deve ser definida apenas como um conjunto de signos linguísticos convencionais que são utilizados por falantes de uma determinada sociedade. Cada indivíduo tem sua bagagem cultural e a expõe de alguma maneira através do uso da sua língua. Os membros de uma mesma comunidade de fala tendem a possuir uma visão de mundo compartilhada e podemos observar isso através da análise do uso que esses indivíduos fazem da língua. Neste sentido, o trecho de Wolton (2003: 101, *apud* Oustinoff, 2011: 127) destaca a forte ligação da língua com a bagagem cultural:

Uma língua não é apenas um conjunto de palavras, é também e sobretudo uma maneira de pensar, de sonhar, de imaginar, de ver o mundo. Não fazemos as mesmas associações de ideias, as mesmas construções mentais, os mesmos raciocínios de uma língua para outra.

Oustinoff (2011) defende a importância dos aspectos culturais no processo tradutório, pois as línguas estão fortemente ligadas às culturas e os falantes formam sua visão de mundo e bagagem cultural através desses filtros. Ao enfatizar essa importância dos aspectos culturais, Oustinoff (2011:10) cita as palavras de Goethe:

[...] como dizia Goethe, grande tradutor: “Quem não conhece línguas estrangeiras não sabe nada da sua própria”. Esta é uma fórmula que podemos inverter: o conhecimento que cada um tenha da própria língua contém, em potência, o conhecimento de todas as outras – por intermédio da tradução.

Há uma tendência de acreditarmos que dominamos nossa própria língua e cultura por sermos nativos. Como Valdes (1986, *apud* Katan, 1999: 19) menciona, “muitas pessoas, de qualquer nacionalidade, consideram a si próprios e seus compatriotas não como cultura, mas sim como

‘standard’ ou ‘correto’, e acreditam que o restante do mundo é composto de culturas”<sup>1</sup>. A crença de que nossa visão de mundo, formada pelo prisma de nossa cultura, é o centro de toda a realidade do mundo, nos leva a construir a convicção de que a nossa própria cultura é superior às outras, convicção essa por vezes acompanhada por sentimentos de repugnância e desrespeito em relação a outras. Diante da visão etnocêntrica existente no mundo, podemos refletir como a tradução pode contribuir para o entendimento das outras culturas. De acordo com Oustinoff (2011: 10),

A tradução é mais que uma simples operação linguística: as línguas são inseparáveis da diversidade cultural, essa diversidade vital que a ONU, por meio da Unesco, pretende defender, a fim de evitar a proliferação de conflitos decorrentes do choque de culturas neste século XXI.

Sendo assim, a tradução, ou melhor, a tradução cultural, deve ser realizada com a finalidade de contribuir para a comunicação intercultural, buscando um entendimento total no contexto cultural da língua alvo e amenizando possíveis choques devidos a qualquer desentendimento causado pela tradução. Em outras palavras, para que a tradução não ofenda o receptor, cabe ao tradutor estar consciente da ideologia presente no texto e selecionar formas de expressão adequadas, pois o sucesso ou fracasso da tradução depende das escolhas realizadas.

Considerando a tradução como a ponte entre as diferenças linguísticas e culturais, apresentaremos os aspectos culturais que podem influenciar no processo da tradução, o impacto da tradução nas culturas envolvidas e a importância da tradução na construção das identidades culturais. Destacaremos esses aspectos já nos capítulos I e II em que abordaremos os principais pensamentos dos teóricos que serão estudados. No capítulo III, faremos o estudo comparativo das perspectivas teóricas propostas pelos teóricos estudados.

Em vista do aqui esboçado, este estudo buscará contribuir para a conscientização a respeito da relação entre tradução e cultura, visto que o sucesso da comunicação se deve às habilidades tradutórias do tradutor em interpretar e transmitir os aspectos culturais ao público receptor. Acreditamos que nesta era de comunicação globalizada, as pesquisas em relação a esta área de estudo possam ser úteis tanto para a sociedade como um todo quanto para os indivíduos.

---

<sup>1</sup> Este trecho foi traduzido pela autora deste trabalho, sendo original na língua inglesa: “Most people of whatever nation, see themselves and their compatriots not as culture but as ‘standard’ or ‘right’, and the rest of the world as made up of cultures.” (Valdes, 1986, *apud* Katan, 1999: 19).

Nesta perspectiva, para o presente estudo, teremos como base as visões teóricas apresentadas em ensaios de quatro teóricos dos estudos da tradução.

Para iniciarmos este trabalho, no Capítulo I, apresentaremos as concepções de tradução dos teóricos alemães do século XIX: Goethe e Schleiermacher. Esses dois teóricos teceram teorias em relação à tradução e à forma como a cultura estrangeira é transmitida no texto traduzido, demonstrando a ideologia dominante aplicada a cada estratégia de tradução. Veremos como a tradução contribuiu, no século XIX, para o enriquecimento da cultura e formação da identidade cultural do público receptor.

No Capítulo II apresentaremos teorias tradutórias de dois outros autores, um francês e uma canadense, ambos do século XX: Berman e Brisset. Da mesma forma que os dois teóricos alemães, Berman tece suas teorias acerca da tradução, concordando com os teóricos do século XIX, e apresenta a tradução como um instrumento ideológico fruto dos desdobramentos históricos da colonização e do imperialismo. Brisset apresenta seu trabalho sob a ótica da sociedade que reivindica sua própria identidade cultural, inclusive, pela tradução.

Finalmente, no Capítulo III, faremos um estudo comparativo das perspectivas desses quatro autores e verificaremos os possíveis pontos de convergência entre os autores estudados, em relação a suas percepções sobre tradução e cultura. Identificaremos e refletiremos criticamente sobre o grau de influência que os aspectos culturais exercem sobre a tradução e como esta contribui com a construção de identidades culturais, tendo como base as perspectivas teóricas apresentadas nos ensaios de Goethe, Schleiermacher, Berman e Brisset.

## CAPÍTULO I: A CONCEPÇÃO DE TRADUÇÃO DE TEÓRICOS DE LÍNGUA ALEMÃ DO SÉCULO XIX

Neste capítulo, apresentaremos as perspectivas teóricas, em relação à tradução, de Goethe e Schleiermacher, ambos românticos alemães do século XIX, a fim de expor suas concepções em relação à tradução, ao papel do tradutor no enriquecimento da cultura e na formação da identidade cultural.

### 1.1. Johann Wolfgang von Goethe

Johann Wolfgang von Goethe (1749 – 1832) é considerado como um dos grandes escritores alemães, especialmente como o maior escritor romântico da Alemanha. Segundo Mitsugi (2010: 9), com obras como *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774), Goethe se tornou famoso. Em 1775, foi convidado por Carlos Augusto de Saxe-Weimar-Eisenach a visitar a corte em Weimar, onde se dedicou a atividades intelectuais. Além de ser escritor romântico, Goethe também se interessou por obras traduzidas, tecendo comentários sobre teoria tradutória, comentários esses voltados aos pensadores românticos da sua época.

A análise de Antoine Berman, tradutor e linguista francês, ajuda a entender teoria tradutória dos alemães românticos, tais como Goethe e Schleiermacher, a partir do ponto de vista contemporâneo. O interesse de Berman por Goethe ou o mero fato de ele referir-se ao poeta alemão é muito sugestivo e estabelece, já de início, um possível elo de afinidade perceptiva e de sensibilidade entre os dois intelectuais. Como podemos observar no seguinte trecho de Berman (2002: 98 – 99):

Sua obra é marcada em relevo pela mesma diversidade rica e vital: ele praticou todos os gêneros poéticos e literários, produziu trabalhos que julgava estritamente científicos, escreveu diários e memórias, dirigiu revistas e jornais. [...] Mas isso não é tudo: poeta-tradutor, ele também foi, muito cedo, poeta-traduzido. E esse *ser-traduzido* alimentou nele uma reflexão absolutamente cativante. [...] As ideias de Goethe sobre a tradução, que são de uma enorme diversidade, nunca se reúnem sob a forma de uma teoria, mas possuem uma coerência própria que deriva de sua visão da realidade natural, humana, social e cultural – visão que se fundamenta, ela própria, em uma interpretação da *Natureza* como processo de interação, de participação, de reflexo, de troca e de metamorfose. [...] Essa reflexão integra-se, com efeito, quase que inteiramente em uma certa visão das trocas intelectuais e internacionais.

Podemos interpretar que Goethe teve uma visão fundamental sobre a atividade tradutória que transcende as diferenças geográficas e diacrônicas. Para conhecermos essa visão goetheana, abordaremos aqui trechos de três obras escritas por Goethe: *Poema e Verdade* (*Dichtung und Wahrheit*, 1811 – 1814) da sua autobiografia; uma homenagem a Christoph Martin Wieland, tradutor e poeta alemão, na sua morte em 1813, com título original *Zu Brüderlichem Andenken Wielands*; e *Traduções* (*Übersetzungen*) em suas *Notas e reflexões para uma melhor compreensão do Divã Ocidental-Oriental* (1816 – 1819), que é uma reflexão anexada a uma coletânea de poemas amorosos.

Num trecho de *Poema e Verdade*, Goethe (1997: 222) discorre sobre a tradução de prosa e cita a vantagem dos alemães, que possuíam as principais obras em línguas estrangeiras traduzidas para o alemão, em linguagem clara e direta. A tradução prosaica de Shakespeare feita por tradutores como Wieland e, posteriormente, Eschenburg<sup>2</sup>, foi compreensível para todos e, por isso, sua circulação foi rápida e causou grandes efeitos. Goethe considera que a tradução da prosa é mais útil do que a da poesia. Assim como a tradução da Bíblia de Lutero, a tradução simples sempre é a melhor para o público de massa, porque as traduções que competem com o original são apenas para agradar os acadêmicos.

Podemos observar que, na época de Goethe, as atividades tradutórias na Alemanha estavam tão avançadas e que saber língua alemã foi considerado uma vantagem para conhecer literaturas e pensamentos de grande relevância produzidos nos espaços estrangeiros. A qualidade da tradução feita na Alemanha foi destacada pelo aspecto linguístico, simples e compreensível para todos, não voltado apenas para elite minoritária da sociedade. De acordo com essa visão, poderíamos dizer que o acesso a toda e qualquer obra, especialmente as literárias, deveria ser disponibilizado para toda a sociedade, portanto não se deveria bloquear o acesso do público de massa pelo uso de uma linguagem erudita de difícil compreensão, tornando o acesso a essas obras um privilégio para um público leitor específico. Podemos considerar essa observação de Goethe válida atualmente para nós, pois a escolha linguística é

---

<sup>2</sup> De acordo com a Enciclopédia Britannica, Johann Joachim Eschenburg (1743 – 1820) foi crítico e historiador literário alemão. Ele é conhecido por tornar a literatura inglesa familiar na Alemanha. Além de traduzir várias obras de autores ingleses, publicou a primeira tradução de obras teatrais de Shakespeare em prosa. Essa tradução de obras shakespearianas foi uma edição revisada da tradução incompleta publicada por Wieland entre 1762 e 1766. “Johann Joachim Eschenburg”. The 1911 Classic Encyclopedia: Based on the 11th Edition of the Encyclopedia Britannica (pub. 1911). Disponível em <[http://www.1911encyclopedia.org/Johann\\_Joachim\\_Eschenburg](http://www.1911encyclopedia.org/Johann_Joachim_Eschenburg)>. Acesso em: 23 Fev. 2013.

um assunto que requer uma atenção especial e o público leitor deve ser considerado nessa escolha.

Goethe se interessou por literaturas traduzidas da época e escreveu alguns fragmentos sobre estudos da tradução. De acordo com Mitsugi (2010: 9), uma reflexão sobre a tradução foi apresentada em um tributo ao poeta e tradutor falecido Christoph Martin Wieland (1733 – 1813), a fim de apresentar e homenagear suas obras. Goethe não conseguiu terminar a redação desta homenagem no dia do funeral de Wieland, em 25 de janeiro de 1813, e o texto apenas ficou pronto em 13 de fevereiro para a apresentação cinco dias depois numa reunião maçônica em Weimar.

Goethe (1997: 222) observa que, nessa homenagem póstuma a Wieland, existem duas máximas de tradução: a primeira exige que o autor estrangeiro seja trazido ao leitor para que este último possa vê-lo como uma parte de sua cultura; na segunda, o leitor passa para a cultura estrangeira para que possa se encontrar dentro do ambiente estrangeiro. Ainda segundo Goethe (1997: 222), Wieland considerava válido um meio termo entre essas duas formas e tentou uni-las, mas ele afirmava que a primeira máxima é melhor, caso não se consiga determinar qual delas é a mais adequada.

No parágrafo acima, podemos observar que Goethe enfatiza novamente a importância do texto simples e compreensível. Uma obra estrangeira que tenha o cuidado de ser traduzida como se fosse uma obra doméstica; ou seja, uma obra produzida originalmente nessa cultura trará um melhor entendimento para o público leitor em geral, que não possui conhecimento cultural daquele povo estrangeiro. A observação de Goethe é pertinente, pois apenas o conhecimento da língua não é suficiente, em alguns casos, para compreensão do conteúdo do texto.

Em seguida, apresentaremos outra reflexão de Goethe: aqui, parece-nos que a visão do teórico muda em comparação aos dois trechos anteriores. Goethe apresenta três modalidades fundamentais de tradução, em suas *Notas e reflexões para uma melhor compreensão do Divã Ocidental-Oriental* (1816 – 1819), em que ele divide a história da arte tradutória em três épocas. Para justificar sua reflexão, Goethe (1997: 222 – 224) escreve: “Como o alemão faz sem cessar novos progressos sobre o Oriente através de traduções, vemo-nos levados a

apresentar aqui algumas considerações que não são novas, mas que não seria demais repetir”<sup>3</sup>. Na primeira modalidade, que se reporta à primeira época, a tradução simples da prosa apresenta a beleza estrangeira por meio do texto produzido de acordo com a sensibilidade doméstica, familiarizando o leitor da cultura estrangeira, por meio dos textos traduzidos. Segundo ele, Lutero traduziu a Bíblia com este tipo de efeito no texto de chegada. Sabe-se que a contribuição de Lutero é maior do que Goethe afirma aqui. Isto, entretanto, não faz parte do escopo deste estudo. A segunda modalidade é desenvolvida na segunda época e projeta o conteúdo estrangeiro em expressões mais sofisticadas do que a primeira época, pois a tradução vem a substituir o original. Na Alemanha, Wieland é o perfeito exemplo dessa época. Goethe observa que os franceses adaptam as palavras estrangeiras à pronúncia da língua francesa, bem como a seus sentimentos, pensamentos e objetos; assim, eles cultivavam, na sua própria cultura, elementos substitutos em sua língua a partir da origem estrangeira. Embora a tradição tradutória na França permanecesse na segunda época, o idioma alemão alcançou a terceira e última época, em que imitava o estilo do texto de partida na língua de chegada.

[...] como não se pode preservar por muito tempo nem no perfeito, nem no imperfeito, e uma transformação sempre deve suceder a outra, chegamos a um terceiro período que poderia ser nomeado o supremo e último período, aquele em que gostaríamos de deixar a tradução idêntica ao original, de modo que ela pudesse valer não no lugar (*nicht anstatt dês andern*) do outro, mas em seu próprio lugar (*na der Stelle*). (Goethe, 1997: 223)<sup>4</sup>

Sendo uma síntese dos dois tipos anteriores e um resultado de evolução, a tradução não é mais a imitação do original, mas tem seu lugar próprio na língua do receptor, possibilitando assim traduzir o original de uma língua para outra e, nesse sentido, a tradução pode ser idêntica ao original (ou torna-se o original). Apesar de encontrar ao mesmo tempo maior resistência dos leitores, que se aborrecem com expressões estrangeiras, para Goethe, a terceira época é a melhor modalidade de tradução, porque:

Uma tradução que visa a se identificar com o original tende a se aproximar, no final das contas, da versão interlinear e facilita altamente a compreensão do original; nesse sentido, somos de alguma maneira involuntariamente levados de volta ao texto primitivo, e assim se fecha finalmente o ciclo que se opera com a transição do estrangeiro ao familiar, do conhecido ao desconhecido. (Goethe, 1997: 224)<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> A tradução foi retirada de Berman (2002: 47).

<sup>4</sup> Ibid., p. 107.

<sup>5</sup> Ibid., p. 108.

A análise de Goethe em relação à tradução, apesar de ter sido escrita no início do século XIX, pode ser compartilhada e refletida em nossa época, pois contém os pontos fundamentais que os tradutores devem ter em mente. A tradução modifica não somente as línguas traduzidas e traduzintes<sup>6</sup>, mas também enriquece as culturas de chegada e, eventualmente, as culturas de partida. A tradução pode ser considerada como uma atividade que se relaciona mutuamente com diversas culturas e as influencia. Berman (2002: 116) escreve:

A contemporaneidade significa que a língua traduzida pode também traduzir, que o traduzinte pode também ser traduzido, que a língua, a obra e o autor traduzidos podem viver o ser-traduzido. Ou ainda: se considerarmos o traduzir como uma interação entre duas línguas, a contemporaneidade produz um duplo efeito: a língua traduzinte modifica (é o que se observa sempre em primeiro lugar), mas igualmente a língua traduzida. Compete a Goethe o fato de ter se debruçado sobre a totalidade do jogo do traduzir e do ser-traduzido no espaço da contemporaneidade, de ter medido suas manifestações psicológicas, literárias, nacionais e culturais. *O traduzir é agora tomado no vasto ciclo do ser-traduzir.*

Em outro trecho, Berman (2002: 120 – 121) escreve também:

[...] a tradução é uma experiência que diz respeito tanto aos traduzidos quanto aos traduzintes; como produto acabado, ela é idealmente destinada a ser lida por todos. O efeito retroativo da tradução sobre a obra traduzida é sem dúvida um fenômeno fundamental, e é mérito de Goethe tê-lo percebido como alguma coisa que nos remete ao mesmo tempo aos mistérios da vida das línguas, das obras e da tradução como tal.

Goethe considera a tradução literária como uma forma de enriquecer a língua, a literatura e a cultura da Alemanha. Segundo Berman (2002: 101), a noção goetheana da literatura mundial (*Weltliteratur*) “[...] é um conceito histórico que diz respeito ao estado *moderno* da relação entre as diversas literaturas nacionais ou regionais” e Strich (*apud* Berman, 2002: 101) define que “[...] é um intercâmbio de bens espirituais, um comércio de ideias entre os povos, um mercado mundial literário, no qual as nações trocam seus tesouros espirituais”. Para ativar essa coexistência de todas as literaturas, Goethe enfatiza a importância do papel de tradutor:

[...] é preciso considerar cada tradutor como um mediador que se esforça em promover esse intercâmbio espiritual universal e que se dá como tarefa fazer progredir esse comércio generalizado. [...] O Corão diz: Deus deu a cada povo um profeta em sua própria língua. Assim, cada tradutor é um profeta para seu povo. (Goethe, 1992: 25)<sup>7</sup>

A tradução, assim, tem um papel importante ao construir a identidade cultural de cada povo, identidade essa que é própria e única, mas, ao mesmo tempo, tem sido construída recebendo

<sup>6</sup> O termo “a língua traduzinte” pode ser entendido como a língua de chegada.

<sup>7</sup> A tradução foi retirada de Berman (2002: 103).

influência das culturas alheias. Mitsugi (2010: 245) explica que se esperava que o povo germânico, na época de Goethe, cumprisse um papel de intermediário entre várias culturas estrangeiras por meio da tradução, mas a então Alemanha estava dividida em mais de 300 principados independentes, ou seja, somente a língua alemã unia o povo germânico que vivia separado nesses principados independentes.

Goethe afirma que, nos primeiros dois ensaios citados acima, o texto traduzido deve ser simples e compreensível com linguagem clara e direta, para tanto, deve corresponder à sensibilidade doméstica. No entanto, como uma evolução dos resultados das reflexões anteriores, Goethe explica que a tradução conquistará sua própria função na língua de chegada e passará a ser um “original”, mesmo que esse seja a transferência do verdadeiro original para a língua do receptor. O texto traduzido com traços estrangeiros é, assim, considerado como a melhor modalidade de tradução devido à alta possibilidade de compreensão do original. Como o tradutor deve lidar para que a cultura de origem seja transmitida no texto traduzido é o interesse principal de Goethe, assim como a abordagem de Schleiermacher, que verificaremos no próximo tópico deste capítulo.

## **1.2. Friedrich E. D. Schleiermacher**

Friedrich E. D. Schleiermacher (1768 – 1834), teólogo do Romantismo alemão, é conhecido pela obra *Discursos sobre Religião* (1799) e, de acordo com Berman (2002: 254), Schleiermacher “[...] consagra toda sua maturidade à elaboração, paralelamente a uma obra de teólogo e de tradutor (Platão), de uma teoria da hermenêutica”. Segundo Braidão, o tradutor do texto de Schleiermacher (2007: 1), *Sobre os diferentes métodos de traduzir* (1813) com o título original “*Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens*, redigido no período em que Schleiermacher lecionava em Berlim, foi originalmente escrito como base para uma conferência proferida em 24 de junho de 1813, na Academia Real de Ciências”, ou seja, poucos meses depois da homenagem póstuma feita ao tradutor Wieland apresentada por Goethe. Mitsugi (2010: 24) explica que, no ano em que essa teoria tradutória foi apresentada, Schleiermacher estava na metade do caminho da tradução de Platão, que durou de 1804 a 1828, e lecionava na faculdade de Teologia na Universidade de Berlim desde 1810.

A influência de Schleiermacher é tão grande que Kittel e Poltermann (2001: 424) afirmam: “Praticamente, todas as teorias modernas de tradução, pelo menos em língua alemã, são influenciadas, de uma forma ou de outra, pelas hipóteses de Schleiermacher. Parece que não surgiram abordagens fundamentalmente novas”<sup>8</sup>.

Em *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, Schleiermacher apresenta sua teoria de tradução pelo seu interessante ponto de vista. De acordo com Berman (2002: 260):

Schleiermacher começa por uma reflexão sobre a tradução generalizada: há sempre “tradução” quando devemos interpretar um discurso: que um estrangeiro nos fale em uma língua que não é a nossa, que um camponês nos interpele em patoá, que um desconhecido empregue expressões que compreendemos mal, ou que reflitamos sobre resoluções que tomamos um dia, mas que agora nos parecem obscuras... em todos os casos somos conduzidos a um ato de “tradução” – sendo que o mais difícil não é forçosamente o que diz respeito a uma língua estrangeira. Em resumo, toda comunicação é em algum grau um ato de tradução-compreensão [...]

O trecho acima apresenta um tipo de tradução que pode ser categorizado como tradução intralingual proposta por Jakobson (2008: 64), ou seja, é uma interpretação de signos verbais da mesma língua.

Após essa definição da “tradução generalizada”, Schleiermacher passa para a tradução interlingual, distinguindo dois tipos de tradutores que trabalham com textos diferentes: os que traduzem textos para fins comerciais e outros que traduzem textos no domínio da ciência e da arte. Schleiermacher considera os últimos mais criativos, pois conferem uma nova vida à língua, e são de difícil tradução, tendo em vista que a linguagem desse tipo de texto é associada a conceitos específicos ligados à cultura, convenções sociais e sentimentos. Como essa associação difere de acordo com a língua e a cultura, a transferência pode ser feita pela estratégia de “alienação”. A cautela do tradutor deve aumentar na hora de reunir o autor na língua de origem e o leitor na língua de chegada. Schleiermacher analisa as questões sobre a tradução palavra por palavra e sentido por sentido; tradução literal, fiel e livre; e, finalmente, considera existir apenas dois caminhos para o tradutor. Ele argumenta que há uma necessidade de trazer o leitor para o autor, adotando a estratégia da “alienação”; ou trazer o autor para o leitor, adotando neste caso a estratégia da “naturalização”. O teórico defende a importância da escolha da tradução fiel em respeito à língua de partida, conservando aspectos

---

<sup>8</sup> Este trecho foi traduzido pela autora deste trabalho, sendo original na língua inglesa: “Practically every modern translation theory – at least in the German-language area – responds, in one way or another, to Schleiermacher’s hypotheses. There appear to have been no fundamentally new approaches” (Kittel and Portman, 2001: 424).

estrangeiros do texto original, ou seja, trazer o leitor da tradução para o autor por meio da alienação. No caso da alienação, o tradutor obriga o leitor a sair do seu lugar para perceber o autor estrangeiro no seu lugar estrangeiro; no caso da naturalização, o tradutor obriga o autor a perder sua estranheza para se tornar familiar ao leitor. Para o leitor da língua de chegada ter a mesma impressão que um leitor alemão poderia ter na leitura na língua de origem, o tradutor deve adotar a estratégia da alienação, não a estratégia da naturalização.

Segundo Munday (2001: 146 – 147), a oposição entre as estratégias de alienação e naturalização proposta por Schleiermacher foi aceita e seguida por Venuti (1995) que propôs a “estrangeirização” e a “domesticação”. Venuti lamenta que a estratégia de tradução “domesticação”, dominante na cultura de tradução no mundo anglo-americano, ao envolver uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro para valores culturais da língua de chegada, minimiza aspectos estrangeiros. Essa estratégia pode ser associada à estratégia de Schleiermacher, que deixa o leitor em paz e traz o autor estrangeiro ao leitor. A estratégia de “estrangeirização” proposta por Venuti, por sua vez, opta por registrar as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro para enviar o leitor ao exterior, embora o teórico (Venuti, 1995: 116) afirme que há uma possível ameaça aos valores culturais da língua de chegada. Essa estratégia foi preferida por Schleiermacher, cuja proposta foi que o tradutor leve o leitor para o autor. Segundo Venuti (1995: 20), essa estratégia é altamente desejada para que impeça a violência etnocêntrica de tradução, ou seja, se praticada, a estratégia da estrangeirização pode impedir que os valores culturais de domesticação predominem nos países de língua inglesa. Berman (1985: 87 – 91, *apud* Venuti, 2009: 242) considera a argumentação de Schleiermacher como a ética da tradução, pois se preocupa em fazer com que aspectos estrangeiros do original permaneçam e se manifestem no texto traduzido.

Como Goethe também afirma, a tradução é uma atividade essencial para enriquecer culturas, e as estratégias propostas por Schleiermacher estimulam o conhecimento das culturas e ideologias criadas em espaços estrangeiros. Venuti (1995: 99) argumenta que Schleiermacher considerou a tradução como uma prática importante para o movimento nacionalista e ela poderia enriquecer a língua alemã por meio do desenvolvimento da literatura voltada para a elite com a finalidade de a cultura alemã poder dominar o mundo. O tradutor, através de suas atividades tradutórias, tem uma função central nessa introdução do conhecimento estrangeiro para o público receptor e, nesse sentido, Schleiermacher (2007: 262) analisa o papel do tradutor na sociedade, vinculado com o perfil do povo:

A tradução [...] é algo necessário para um povo do qual apenas uma pequena parte pode adquirir conhecimento suficiente de outras línguas, mas uma parte maior tem a sensibilidade para o prazer de obras estrangeiras. Se esta parte pudesse se transformar na primeira, aquela tradução resultaria inútil e dificilmente alguém tomaria para si tarefa tão ingrata.

O trecho acima retrata bem a necessidade do tradutor em uma sociedade em que nem todos possuem o conhecimento suficiente de uma língua estrangeira, mas possuem sensibilidade similar àqueles que dominam outra língua e são capazes de apreciar as obras em seu original. Nesse tipo de sociedade, a tradução se torna necessária, pois essa maioria da população que não domina outra língua também busca conhecimento da mesma forma que a pequena parcela que domina. A atividade tradutória tem sua importância cultural e social para que o povo não se limite apenas à produção doméstica, mas conheça a produção de outra cultura mesmo sem conhecimento suficiente da língua estrangeira. Schleiermacher explica do que o tradutor deve lembrar na hora de traduzir (2007: 246):

[...] o tradutor tem que se colocar como meta proporcionar ao seu leitor uma imagem e um prazer semelhantes aos que a leitura da obra na língua original buscam no homem culto, [...] O único que vemos é que, assim como a inclinação a traduzir somente pode nascer quando entre a parte culta do povo se há difundido certa capacidade de trato com línguas estrangeiras, assim também a arte somente pode crescer e apontar cada vez mais alto, à medida em que o interesse e o conhecimento de obras estrangeiras se estenda e se eleve entre aquela parte do povo que exercitou e educou seu ouvido sem fazer da aprendizagem de línguas seu verdadeiro ofício. Mas, ao mesmo tempo, não podemos ocultar que, quanto mais sensíveis sejam os leitores a tais traduções, tanto mais se acumulam também as dificuldades da tarefa, sobretudo se se leva em conta os produtos mais peculiares das artes e das ciências de um povo, que certamente são para o tradutor os objetos mais importantes.

A partir desses dois trechos acima, podemos interpretar que é o público leitor que faz a tradução, mesmo não se envolvendo com o processo tradutório, pois o tradutor cria sua obra traduzida de acordo com o perfil e a necessidade do público leitor. Se o nível das obras nacionais é alto, a nação, naturalmente, procura obras de excelência e o tradutor deve responder à exigência do leitor. A tradução, por consequência, será um dos componentes que reflete e constrói identidades culturais. Venuti (1995: 102) argumenta que a tradução estrangeirizada visa especificamente ao público da elite educada, por isso Schleiermacher, com uma visão política em relação à cultura, investia nesse limitado grupo social detentora da autoridade cultural para que desenvolvesse uma língua nacional e influenciasse a evolução da cultura.

Segundo Schleiermacher, o tradutor, como qualquer outro profissional, enfrenta obstáculos que são de difícil superação, se tentar traduzir da mesma forma que o autor estrangeiro escreveria na língua de chegada. Essa meta é inatingível, pois a língua possui uma força de criação e essa força é inseparável das qualidades únicas do povo, ou seja, o ser humano adquire conhecimento e habilidade de descrever seu conhecimento junto com sua língua e através da sua língua. A obra original pode ser produzida apenas em sua língua materna e o autor nem questiona como seria sua obra se ele a escrevesse em língua estrangeira.

É sabido que a língua e a cultura têm uma relação indissociável e o falante molda a língua conforme sua cultura, mas também a língua molda a cultura. A tradução molda o texto estrangeiro e o traz para o universo cultural e linguístico da comunidade interpretativa para o qual o texto está sendo traduzido, corroborando ao mesmo tempo para a manutenção da sua cultura e sua transformação. Em relação a essa linha de pensamento, Schleiermacher (2007: 238) observa que:

[...] cada homem está sob o poder da língua que ele fala; ele e seu pensamento são um produto dela. Ele não pode pensar com total determinação nada que esteja fora dos limites da sua língua. A configuração de seus conceitos, o tipo e os limites de suas articulações estão previamente traçados para ele pela língua em que ele nasceu e foi educado; o entendimento e a fantasia estão ligados por ela. Por outro lado, porém, cada homem de livre pensar e espiritualmente espontâneo molda também a língua. Pois, como, senão por meio dessas influências, a língua teria se formado e crescido desde seu estado primitivo e rude até a formação completa na ciência e na arte? Nesse sentido, portanto, é a força viva do indivíduo que produz novas formas na matéria maleável da língua, originalmente apenas com o propósito momentâneo de compartilhar uma consciência transitória, das quais, porém, ora mais ora menos, algumas permanecem na língua e, recolhidas por outros, disseminam seu efeito formador.

Nesse trecho, Schleiermacher afirma que a forma como o homem configura seus pensamentos e conceitos está associada à língua materna do indivíduo e esse indivíduo não somente é controlado pela língua, mas também a molda. Podemos pensar que essas alterações e construções de sua língua materna são feitas pelo falante conforme sua visão de mundo através de sua cultura. Por ser influenciada pela cultura, portanto, a tradução não é uma operação meramente linguística, mas pode ser considerada como uma parte do processo de construção da identidade cultural do povo.

A reflexão de Schleiermacher acerca da tradução propõe a importância de adotar a estratégia da alienação, optando por deixar o autor “inerte” e mover o leitor para o autor, ou seja, cabe

ao tradutor registrar as diferenças linguísticas e culturais do original no texto de chegada para que o leitor tenha a experiência do estrangeiro. A sua argumentação revela que a tradução é influenciada pela sociedade, pois, apesar de essa influência ser indireta, o povo molda a tradução, assim como a língua. O tradutor, como membro da sociedade, registra não somente a cultura estrangeira, adotando a estratégia da alienação, mas também o que o povo deseja, respondendo a essa expectativa com uma linguagem adequada e a escolha de obras a serem traduzidas que vá ao encontro dessas expectativas. Nesta perspectiva, julgamos essencial a existência do tradutor para construir a identidade cultural e, ao mesmo tempo, refleti-la e registrá-la nas obras traduzidas.

A tradição germânica da tradução possui uma base sólida e a contribuição para a formação dessa base pode ser atribuída, em parte, ao trabalho dos teóricos apresentados neste capítulo. Segundo Kittel e Poltermann (2001: 425), no período de 1956 a 1986, o número de livros traduzidos na República Federal de Alemanha aumentou 400%, em praticamente todas as áreas do conhecimento. O *Index Translationum* da UNESCO<sup>9</sup> mostra que, durante o período de 1979 a 2012, a língua alemã como língua de chegada possui o maior número de livros traduzidos no mundo, chegando a soma de 301.701 obras, enquanto a língua francesa ocupa a segunda posição e apresenta cerca de 20% a menos de obras traduzidas. No próximo capítulo, apresentaremos teorias tradutórias de dois autores, o primeiro um francês, Antoine Berman, e a segunda uma canadense, Annie Brisset, ambos do século XX.

---

<sup>9</sup> *Index Translationum*. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organizations – UNESCO. Disponível em < <http://www.unesco.org/xtrans/bsstatlist.aspx>>. Acesso em: 04 Abr. 2013.

## CAPÍTULO II: A VISÃO DE TRADUÇÃO DE TEÓRICOS DE LÍNGUA FRANCESA DO SÉCULO XX

Neste capítulo, abordaremos dois teóricos do século XX: o primeiro será o francês Berman e a segunda será a canadense Brisset. No trabalho de Berman, verificamos que ele considera a argumentação de Schleiermacher válida no sentido de manter o aspecto estrangeiro do original como sendo a ética da tradução e, além disso, esse teórico francês tece uma argumentação interessante em relação ao etnocentrismo presente na tradução e as formas como isso deforma o texto de chegada. Brisset, por sua vez, apresenta a manifestação das características linguísticas e culturais no texto traduzido, além de apresentar o uso ideológico da língua pelo tradutor como sendo uma forma de reivindicação da própria identidade cultural.

### 2.1. Antoine Berman

Antoine Berman (1942 – 1991) é considerado um dos mais relevantes teóricos da tradução da França do século XX. Segundo Venuti (2000: 219), Berman questiona, baseado no pensamento de éticas da tradução, a tradução etnocêntrica que não só deforma o texto original por assimilação à língua e cultura de chegada, mas também representa uma negação da qualidade exótica da obra estrangeira. Assim como Schleiermacher, Berman defende a importância de registrar esse exotismo, ou seja, a tradução deve respeitar diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro, desenvolvendo uma correspondência que amplia e enriquece a língua de chegada. Berman apresenta a forma como a análise textual da tradução pode ser enriquecida através da abordagem psicanalítica, pois tendências de deformação do texto original, na tradução contemporânea, passam despercebidas devido à extensa tradição e estrutura etnocêntrica de todas as culturas e línguas.

De acordo com Munday (2001: 149), a obra principal de Berman *L'épreuve de l'étranger: Culture et traduction dans l'Allemagne romantique* (1984) foi traduzida em inglês como *Experience of the Foreign: Culture and Translation in Romantic Germany* (1992)<sup>10</sup> e essa obra influenciou Venuti, que editou *The Translation Studies Reader* (primeira edição em 2000) incluindo um artigo de Berman. Esse artigo com título original *La traduction comme*

---

<sup>10</sup> A versão em português desta obra foi traduzida por Maria Emília Pereira Chanut como *A prova do estrangeiro: Cultura e tradução na Alemanha romântica* (EDUSC, 2002).

*épreuve de l'étranger* (1985), foi traduzido por Venuti como *Translation and the trials of the foreign* em inglês. A mudança da palavra *experience* para a outra *trial*, na tradução do título do artigo, pode sugerir o desejo de Venuti tentar mostrar o desafio e a prova que a tradução representa em relação ao texto de origem. Berman (2000: 284) descreve o sentido duplo de a tradução ser a prova do estrangeiro: a prova para a cultura de chegada por expressar a estranheza do texto e da palavra da obra estrangeira e, ao mesmo tempo, a prova para o texto de partida por ser separado do contexto da língua original.

Berman (2000: 285 – 286) discorda com a tendência geral de negar os aspectos estrangeiros na tradução pela estratégia da “naturalização” e afirma que a meta ética da ação tradutória é receber o estrangeiro como estrangeiro. Entretanto, o autor considera que há um sistema de deformação textual no texto traduzido e sua verificação de formas deformantes é chamada de análise negativa. Essa análise negativa é ligada à tradução etnocêntrica, anexionista e hipertextual, em que a força deformante é livremente exercida. O autor considera inevitável que todos os tradutores sejam expostos a essas forças etnocêntricas que determinam o *desejo* de traduzir e a forma do texto traduzido; entretanto, analisar psicologicamente as obras traduzidas e fazer com que o tradutor perceba essas forças são ações que neutralizam essa tendência. Para Berman, toda tradução enfrenta a prova do estrangeiro (*trial of the foreign* ou *l'épreuve de l'étranger*) e a análise textual pode avaliar o grau em que a língua traduzida aceita o texto estrangeiro nas próprias estruturas. Nesse ensaio de 1985, Berman se refere à variedade linguística, à criatividade do romance e à forma como a tradução tende a reduzir a variação, e descreve detalhadamente doze tendências deformantes, que podem ser comparadas com metodologias propostas por Vinay e Darbelnet. Essas tendências deformantes são:

1. **Racionalização** => influencia as estruturas sintáticas, inclusive a estrutura de frases e ordem, e pontuação. Essa tendência deformante tem como característica a abstração. A racionalização deforma a obra original invertendo sua tendência original, ou seja, inverte a relação que prevalece na obra original entre formal e informal, ordenado e desordenado, abstrato e concreto. Essas transformações são típicas da tradução etnocêntrica, pois altera os signos e status, aparentemente, sem alterar forma e sentido.

2. **Clarificação** => refere-se à explicitação, esclarece o que não está claro no texto original e pode ser considerada como proposição adicional da racionalização, afetando o nível de

clareza perceptível nas palavras e sentidos. A explicitação pode ser a manifestação de algo não explícito e tenta apresentar de forma clara o que não quer ser claro na obra original.

3. **Expansão** => diz respeito à consequência da racionalização e da clarificação, ou seja, em comparação entre o texto original e o texto traduzido, este tende a ser mais longo do que aquele devido à explicitação vazia que deforma o ritmo, traduzindo além do necessário ou tornando desinteressante a tradução.

4. **Enobrecimento** => indica a tendência de alguns tradutores tentarem melhorar o estilo do texto original, reescrevendo-o. É conhecido como poetização na poesia e retorização na prosa. De acordo com Berman, ocorre a destruição da retórica do texto de origem e, além disso, o excesso de alteração faz com que sejam inseridos seus próprios valores de nobreza no texto de chegada, tornando distinto do texto original.

5. **Empobrecimento qualitativo** => a substituição de termos e expressões originais a equivalentes no texto de chegada, mas essa substituição peca pela falta de riqueza sonora, ou aspectos significantes ou icônicos. Em relação a iconicidade, Berman entende que diz respeito aos termos cujas formas e sons estão associados com seus sentidos.

6. **Empobrecimento quantitativo** => a perda da variação lexical na tradução. Berman apresenta um exemplo de um texto traduzido para o espanhol que usa três diferentes sinônimos para o termo *visage* no original (*semblante*, *rostro* e *cara*). Esse exemplo pode ser considerado como uma perda, pois o texto traduzido contém menos significantes do que há no texto original. A expansão adiciona artigos e pronomes relativos, termos explicativos e decorativos, e assim resulta em um texto de chegada longo e pobre.

7. **Destruição dos ritmos** => ocorre na poesia e no romance pela deformação da ordem das palavras e pontuação.

8. **Destruição de redes de significado subjacentes** => ocorre, no campo semântico, quando algumas palavras acrescentam uniformidade e sentido subjacente para o texto. O tradutor precisa perceber as redes de significado subjacente que são formadas dentro do texto. Berman apresenta um exemplo de aumentativos na língua espanhola: uma rede simples mostra que significantes isolados não possuem valores particulares, mas, nas ligações entre eles, cada

significante começa a fazer sentido na dimensão da obra literária como um todo. Se essas redes não são transmitidas pela tradução, o processo significativo pode ser destruído.

9. **Destruição dos padrões linguísticos** => acontece quando a tradução tende a não ser sistemática, embora o texto de origem seja sistemático nas construções e padrões frasais. O tradutor tende a adotar uma série de técnicas, tais como racionalização, clarificação e expansão que, embora tornem o texto de chegada mais homogêneo linguisticamente, deixam-no incoerente, heterogêneo e inconsistente devido à destruição da sistematicidade do original.

10. **Destruição de redes vernáculas ou sua exotização** => especialmente relacionada ao discurso local e ao padrão da língua que têm papéis importantes no estabelecimento do cenário do romance. Essa destruição trará uma grande perda, caso esses traços sejam apagados, e a solução tradicional é o uso de itálico para a exotização de alguns termos, isolando o que não existe no texto de partida. Como alternativa, procurar uma forma vernácula ou gírias na língua de chegada pode acabar ridicularizando a obra original, pois a vernácula está fortemente ligada a sua própria cultura e resiste a qualquer tradução direta em outra vernácula. Berman enfatiza que esse tipo de tradução é possível de ser feita apenas entre as línguas cultas.

11. **Destruição de expressões e formas idiomáticas** => solução de utilizar equivalentes na língua de chegada ao traduzir imagens, expressões, figuras ou provérbios. Berman considera o uso de equivalentes como etnocêntrico, pois a tradução não é procurar equivalências e essa substituição pelo equivalente significa um ataque contra o discurso da obra estrangeira.

12. **Elisão de sobreposições linguísticas** => significa a maneira como a tradução tende a apagar traços de diferentes formas de língua que coexistem no texto de origem. Berman apresenta exemplos existentes nas obras literárias: um dos exemplos é de escritores hispano-americanos como José María Arguedas e Roa Bastos, em que a sintaxe da língua espanhola é modificada por duas outras línguas de cultura oral, o Quéchuá e o Guaraní. As sobreposições de línguas são ameaçadas pela tradução, pois há uma tendência de apagar a relação de tensão e integração que existem na obra original entre a língua vernácula e a *koiné*<sup>11</sup>. Berman

---

<sup>11</sup> De acordo com Tuten (2007: 185), o *koiné* foi originalmente uma variação do grego antigo, que surgiu no século V a.C., e posteriormente se tornou a variação primária do grego falado no leste do Mediterrâneo. No século XX, o termo *koiné* é utilizado para se referir à variedade linguística comum ou amplamente

considera essa elisão como sendo o problema central na tradução de romances e requer uma reflexão atenta do tradutor para que as sobreposições linguísticas presentes nas obras originais não sejam eliminadas.

A proposta de Berman (2000: 286, 296 – 297) para esse tipo de tradução é representar o estrangeiro no texto de chegada, procedimento esse que ele denomina tradução literal, ou seja, anexada à letra das obras. Berman afirma que, apesar de a tradução no Ocidente ter sido historicamente um restabelecimento de sentido do texto traduzido de forma mais elaborada, a produção de um texto mais claro, elegante, fluente e puro do que o original destrói a letra em favor do sentido. Por outro lado, o autor afirma que essa tendência de dar preferência ao sentido não precisa ser criticada nem teórica nem ideologicamente, pois todas as traduções são e devem ser o restabelecimento de sentido.

Munday (2001: 151) avalia que a produção científica de Berman é importante por ter ligado ideias filosóficas a estratégias da tradução com vários exemplos extraídos das traduções existentes. Além disso, sua argumentação sobre éticas da tradução apresentada em seu trabalho sobre a deformação linguística no texto de chegada é relevante para teorias futuras sobre tradução literária.

Berman chamou nossa atenção para a forma como o estrangeiro é apagado no processo de tradução a fim de que o texto traduzido seja fluente e elegante. Esse ato de traduzir, deformando o texto original, é considerado por ele como etnocêntrico. Portanto, ele defende o registro do exotismo e apresenta doze tendências de deformação do texto original em sua análise textual da tradução, como elencado mais acima. Vale ressaltar o mérito de Berman em apresentar um método de análise a partir do ponto de vista psicanalítico, levando em consideração a natureza das tendências deformantes, ou seja, o texto original é deformado inconscientemente devido à extensa tradição e à estrutura etnocêntrica de cada cultura e língua. Sua abordagem científica, provavelmente, deve-se ao ambiente no qual ele estava inserido, a França, com sua hegemonia cultural e política ao longo da história de colonização e imperialismo.

---

compartilhada. Atualmente, os sociolinguistas utilizam esse termo para se referirem à variedade linguística, normalmente misturada, nivelada e simplificada, que se desenvolve como o resultado de um movimento rápido de populações e, por consequência, a mistura de falantes de dialetos diferentes numa nova comunidade. A koineização geralmente ocorre no curso de três gerações e frequentemente identificada em cidades novas, regiões de fronteiras e colônias, onde é observada a imigração em período curto seguida do estabelecimento de uma comunidade permanente.

Devemos refletir, sob a luz dos questionamentos de Berman, se a tradução pode ser feita como se o texto original estrangeiro fosse produzido dentro do território nacional, com a supressão de todos os traços culturais, históricos, geográficos e sociais da sociedade alheia para que o leitor não fique constrangido com a diferença do estrangeiro. Julgamos que mostrar ao leitor as diferenças culturais e sociais, e até linguísticas, poderá contribuir para que ele amplie sua visão de mundo e possa ter subsídios para a construção de um pensamento menos etnocêntrico, acostumando-o às diferenças. O desentendimento, ou falha na comunicação, ocorre porque o indivíduo não percebe ou nega o fato de que há diferenças de valores e isso, às vezes, acarreta a proliferação de conflitos maiores. Devemos nos conscientizar de que a atividade tradutória, embora pareça não influenciar diretamente as relações internacionais, pode contribuir para melhorar ou piorar eventuais conflitos decorrentes da falha na comunicação devido a diferenças culturais. Nessa perspectiva, a proposta de Berman, que critica a tradução etnocêntrica, nos levará a refletir, como tradutores, a respeito do que deve ser feito no processo tradutório, ponderando os efeitos que a tradução pode causar.

## 2.2. Annie Brisset

Annie Brisset é autora de *Sociocritique de la Traduction* (1990), professora de Estudos da Tradução na Universidade de Ottawa e consultora da UNESCO para o desenvolvimento da comunicação multilingual (Europa Central e Leste Europeu) desde 1996. Atualmente é presidente e membro fundadora da IATIS (Associação Internacional para Estudos de Tradução e Interpretação)<sup>12</sup>.

De acordo com Venuti (2000: 334, 337), na década de 1990, os Estudos da Tradução avançaram, mantendo a tendência da década anterior, ao pautarem-se pelo desenvolvimento da linguística e das teorias literárias e culturais. Uma área de estudos culturais interdisciplinares surgiu, e a pesquisa baseada na cultura caracterizou-se pelo aspecto filosófico e político. Na década de 1990, foi publicada uma série de estudos históricos que exploram o poder da tradução na formação de identidades, ou seja, a linha de pensamento que

---

<sup>12</sup> University of Ottawa. Disponível em: <<http://www.translation.uottawa.ca/faculty/abrisset.html>>. Acesso em: 03 Fev. 2013.

norteou os estudos dessa época foi a de que as identidades são construídas pela tradução, e são determinadas pela etnia e raça, gênero e sexualidade, classe e nação. Cheyfitz (1991, *apud* Venuti, 2000: 337) argumenta que a tradução etnocêntrica está relacionada ao imperialismo anglo-americano, que se iniciou com a colonização britânica do Novo Mundo no início do período moderno e continuou com a expansão norte-americana nas terras indígenas durante os séculos XIX e XX até a política norte-americana atual aplicada principalmente nos países em desenvolvimento.

Brisset (2000: 344) apresenta, em seu ensaio de 1990/1996, a questão da identidade cultural e linguística para refletir sobre como a língua muda de acordo com as características da sociedade, baseando-se na análise de duas comunidades linguísticas de língua francesa, Canadá e França, e analisando as diferenças linguísticas a partir da perspectiva tradutória. Segundo a autora, a tradução é um ato binário de comunicação, que é envolvido por dois códigos: a língua de partida e a língua de chegada. As deficiências na tradução podem ser identificadas como problemas lexicais ou morfossintáticos, de polissemia, entre signos e falantes, ou a variação linguística de acordo com o nível de análise do indivíduo, da posição social e da origem geográfica dos falantes. Além dessas diferenças, Brisset apresenta alguns tópicos relativos à teoria da tradução, a partir da perspectiva sociolinguística, geolinguística e histórica, pois a tradução, para a referida autora, não é uma mera operação linguística de uma língua para outra.

A língua não é estável, por isso a mudança e a variação são inevitáveis e o tradutor deve conhecer essas variações e escolher as expressões mais adequadas a serem usadas no texto traduzido. De acordo com Yule (2010: 224 – 234), a variação linguística pode ser observada diacronicamente, ou seja, da perspectiva histórica de mudanças linguísticas através do tempo. Uma forma antiga da língua pode ser reconstruída por um procedimento comparativo das variações diacrônicas ao longo da história da língua, por intermédio de uma análise sistemática da fonética, sintática e semântica. O referido autor também apresenta outros dois tipos de variação, que podem ser observados sincronicamente em termos de diferenças, dentro de uma mesma língua, em lugares diferentes, ou entre grupos diferentes que compartilham um mesmo momento histórico. Ilari e Basso (2007: 151 – 180) explicam que essas variações são denominadas, respectivamente, de variação diatópica e variação diastrática. Segundo Danesi (2004: 128), esta última é chamada de socioleto ou dialeto social e nessa variação as formas variáveis são utilizadas de maneira constante por grupos específicos da comunidade de fala.

Esse fenômeno linguístico se desenvolve ao longo do tempo como uma consequência de divisões dentro da sociedade, tais como as divisões relacionadas à classe social ou religião. Além dessas variações já mencionadas, Ilari e Basso (2007: 180 – 188) apontam que há a variação diamésica, associada ao uso de diferentes meios ou veículos, e podemos observá-la na comparação entre a língua falada e a escrita levando-se em consideração gêneros textuais encontrados na vida cotidiana.

Os exemplos apresentados por Brisset sobre as questões de variação linguística abordam as dificuldades e os desafios no processo tradutório. Sua perspectiva nos convida a refletir sobre como podemos traduzir as variações linguísticas, caso não haja palavras ou expressões equivalentes, ou caso faltem lógicas similares na cultura de chegada. As dificuldades na tradução se devem à ausência de equivalência na língua de chegada quanto ao que é usado na língua de origem. Brisset também aponta que o tradutor deve escolher a variante de língua que será usada na tradução, ou seja, “a dificuldade da tradução surge do fato de a língua de chegada não ser uma língua singular unificada, mas sim composta de vários dialetos”<sup>13</sup>.

Segundo Venuti (2000: 336 – 337), Brisset (2000: 345) apoia o conceito de funções linguísticas, proposto por Henri Gobard, que apresenta a existência de uma língua vernácula, que é a materna ou a da comunidade, para descrever a força ideológica do francês *québécois* como a língua de chegada. Entre 1968 e 1988, os tradutores quebequenses trabalharam na transformação da língua vernácula na referencial, pois esta possui a característica de estar vinculada à tradição cultural, oral e escrita que protege a continuidade de valores pelas referências sistemáticas aos clássicos do passado. Brisset (2000: 346) argumenta que a língua de chegada pode ser a vernácula, considerando que a tradução seja um ato de reivindicar e recuperar a identidade e elevar um dialeto à condição de uma língua nacional e cultural, ou seja, o *québécois* adquire autoridade cultural para que seja reconhecido no mesmo nível do inglês norte-americano e o francês da França.

Simon (1999: 59 – 60) afirma que Québec se tornou pós colonial, junto com o restante do Canadá, em 1867, no momento da Confederação; entretanto, Québec, em termos culturais, considerava-se como sendo um território colonizado por países de língua inglesa. A autora

---

<sup>13</sup> Este trecho foi traduzido pela autora deste trabalho, sendo original na língua inglesa: “[...] the difficulty of translation arose from the fact that the target language was not a single unified language but a number of dialects [...]” (Brisset, 2000: 344).

cita o uso do *joual*, um dialeto urbano da classe social trabalhadora em Montreal, formado pela língua inglesa e expressões “incorretas” da língua francesa, na literatura quebequense durante as décadas 1960 e 1970, como uma evidência de sua preferência em mostrar o ambiente em que o contínuo contato linguístico era presente. Os efeitos literários e culturais desse movimento foram recebidos como uma expressão do anticolonialismo e a transformação de uma forma degradada e alienada da língua como uma manifestação de autoafirmação da identidade nacional.

Podemos observar que o movimento linguístico de caráter político em Québec possui uma origem anterior ao ensaio apresentado por Brisset em 1990/1996, pois a literatura traduzida pelos tradutores quebequenses abordava a questão da variação linguística de forma positiva, tratando-a como uma forma de afirmação de um determinado grupo social e de reivindicação de sua identidade cultural. De acordo com Venuti (2000: 337), apesar de parecer que Brisset negue a teoria defendida por Berman, ela compartilha a mesma ideia de etnocentrismo na tradução, e toma como base esse conhecimento para tentar promover o *québécois* como língua referencial e como uma manifestação de autoafirmação da identidade nacional. Munday (2001: 139) descreve o uso de políticas de tradução, como defendido por Brisset, uso esse que apesar de estar ligado à perspectiva cultural de minorias, envolve um ato político de manipulação da tradução com fins específicos.

Uma análise comparativa entre o *québécois* e o francês falado na França revela que as duas línguas não são mais a mesma língua, porque expressam realidades distintas nas situações culturais e sociopolíticas próprias de cada comunidade, mesmo utilizando as mesmas palavras. Assim, a diversidade social e regional do francês vernáculo em Québec fornece uma grande variedade de possibilidade linguística no processo tradutório. De acordo com Brisset (2000: 347), ao ser utilizada como língua de chegada na tradução literária, a língua vernácula também reflete a realidade da sociedade em que ela é falada.

Brisset (2000: 348) explica que os falantes do *québécois* têm cultivado sentimento e ideologia nacionalista ao longo da história, reivindicando a própria autonomia territorial e política, e que, conseqüentemente, esse sentimento e ideologia se estenderam para a reivindicação da própria língua materna. A autora aponta que (2000: 353) “para que a língua nativa possa surgir, Québec deve deixar seu estado colonial, pois desde que seja livre das restrições coloniais socioeconômicas, sua língua nativa recém-surgida pode ser utilizada para justificar a

rejeição da cultura francesa”<sup>14</sup>. Ao ser falado por falantes em Québec, o francês “da França” foi transformado para poder expressar a realidade e as experiências dos seus falantes. Brisset (2000: 357) afirma que esse movimento ideológico de valorizar a diferença justifica a reivindicação de autonomia política.

Brisset (2000: 346, 360 – 362) considera a adaptação da forma da expressão linguística à realidade sociocultural *québécois* como “reterritorialização” da obra original e uma “anexação” para o público leitor da nova visão. A escolha das palavras e expressões na tradução para tornar o texto próximo do público alvo pode rebaixar a classe social dos personagens da obra original pelo fato de a tradução atribuir a fala deles uma variante marcada por traços fonéticos, lexicais e sintáticos característicos das classes populares em Québec. A ideologia referente a essa diferença, entretanto, não se coaduna com a “neutralidade” do francês falado pelas classes educadas em Québec, ou seja, a diferença entre o francês de Québec e o francês da França é sociológica.

O uso da língua vernácula na tradução é, portanto, um processo de escolha que pode ser realizado a partir da ótica ideológica, como no caso do *québécois*, em que a identidade nacional é evidenciada pela distinção do uso de uma mesma língua. Nesta perspectiva, o tradutor terá que fazer a escolha de expressões utilizadas no texto de chegada para que possam refletir a identidade e ideologia cultural desta comunidade.

Segundo Brisset (2000: 369 – 370), há uma diferença entre a língua utilizada para traduzir e a língua utilizada para discutir suas traduções, ou seja, a língua de chegada pode ser caracterizada por alguma classe social, mas a língua em que o tradutor comenta sobre, por exemplo, uma peça teatral traduzida não pode ser a mesma. A diglossia entre diálogo teatral e comentário sobre a peça demonstra que a tradução em *québécois* é ideológica.

Sendo assim, podemos afirmar que é necessário considerar o público receptor da tradução, quando da escolha das expressões a serem utilizadas, ajustando o texto de chegada à realidade linguística dos leitores. Esse processo de escolha, como referido anteriormente neste trabalho, já fora percebido por Lutero, que defendeu a necessidade de escolher adequadamente as

---

<sup>14</sup> Este trecho foi traduzido pela autora deste trabalho, sendo original na língua inglesa: “[...] if a native language is to emerge, Quebec must rid itself of its colonial status; once Quebec is freed of its colonial socio-economic constraints, its newly emerged native language can be used to justify the rejection of French culture.” (Brisset, 2000: 353).

expressões de acordo com a realidade cultural e sociopolítica do público receptor. Esse pensamento nos remete, mais uma vez, ao que Lutero propôs:

Não é às palavras da língua latina que devemos perguntar como se deve falar alemão, como fazem esses asnos; mas é à mãe em seu lar, às crianças nas ruas, ao homem do povo na praça do mercado que é preciso perguntar, lendo em seus lábios como eles falam, e é depois disso que se deve traduzir, porque assim eles compreenderão e se darão conta de que lhes estamos falando em alemão. (Lutero, *apud* Oustinoff, 2011:41.)

De acordo com Oustinoff (2011: 41), a tradução da Bíblia por Lutero representa o registro de nascimento da língua alemã, o mesmo que as obras de Dante representam para a língua italiana.

É sabido que, desde tempos passados, a cultura de um povo alheio pode enriquecer sua própria cultura, e que o pensamento produzido em outra sociedade pode trazer inovações para a sociedade. A função do tradutor é mostrar essas culturas distintas e abrir a visão de mundo do leitor. A forma como essa tradução é feita pode ser distinta, de acordo com o público alvo ou de acordo com a ideologia de uma nação; entretanto o trabalho principal do tradutor é, sem dúvida, trazer o conhecimento produzido em língua estrangeira para o leitor que não domina essa língua estrangeira.

Brisset aborda questões acerca da identidade cultural e linguística, trazendo-nos uma reflexão sobre os aspectos culturais que influenciam o processo tradutório. Dentre as variações linguísticas existentes no mundo, a autora apresenta a variante da comunidade de falantes da língua francesa em Québec, o *québécois*, mostrando seu lado social, político e ideológico, e como essa característica linguística de uma comunidade se relaciona com a atividade tradutória. As evidências do *québécois*, o qual reivindica a identidade da comunidade em questão, fazem-nos refletir sobre a ideologia subjacente ao texto traduzido. Diferentemente da tradução imperialista e etnocêntrica, as obras traduzidas caracterizadas pela identidade cultural do povo *québécois* registram a existência dessa cultura no texto de chegada e evidenciam as diferenças linguísticas, culturais desse povo na literatura e, principalmente, a sua reivindicação de sua identidade nacional. Esse registro, sem dúvida, possui valor social, cultural, geográfico e histórico e o tradutor deve estar ciente desses valores, pois ele faz parte dessa produção artística e o seu trabalho não pode ser considerado apenas uma mera operação linguística de transferir automaticamente os signos de uma língua para outra.

## **CAPÍTULO III: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE PERSPECTIVAS DE GOETHE, SCHLEIERMACHER, BERMAN E BRISSET EM RELAÇÃO A TRADUÇÃO E CULTURA**

Nos capítulos anteriores, apresentamos e destacamos as perspectivas teóricas sobre as relações entre tradução e cultura, assim como a importância da tradução na construção das identidades culturais, tendo como base as perspectivas teóricas apresentadas nos ensaios de Goethe e Schleiermacher do século XIX, e Berman e Brisset do século XX. Apesar desses teóricos tecerem suas teorias em diferentes épocas da história, podemos observar pontos de convergência entre as teorias propostas por esses quatro teóricos estudados.

Ao longo deste trabalho, pudemos notar que todos os quatro autores possuem perspectivas próprias em relação à tradução, sendo que, em certos pontos, essas perspectivas são convergentes. Observamos uma dessas convergências nos ensaios e ela aponta para o fato de todos parecerem concordar que a tradução não é uma mera operação linguística de uma língua para outra. O processo tradutório envolve muito mais que uma transferência de palavras entre duas línguas, pois há vários aspectos a serem considerados, principalmente, a partir das perspectivas sociolinguística, geolinguística, histórica e geopolítica. Como vimos nos capítulos anteriores, os quatro teóricos apresentam vários pontos de vista referentes às relações intrínsecas e inescapáveis entre tradução e cultura, pois a tradução implica a prática e o conhecimento das culturas envolvidas.

Sendo assim, apresentaremos, neste capítulo, considerações sobre em que medida os aspectos culturais influenciam o processo da tradução e a forma como a tradução contribui com a construção de identidades culturais. Essas considerações visam a refletir sobre até que ponto as perspectivas dos quatro teóricos se aproximam ou se distanciam, no que tange às relações entre tradução e cultura. Faremos também a comparação das perspectivas desses quatro autores e verificaremos se há possíveis pontos de contato entre os autores estudados em relação a suas percepções sobre tradução e cultura.

### **3.1. Tradução como um fator de formação da cultura**

A introdução de novos pensamentos gerados em outra sociedade, desde antigamente, é considerada em alguns casos como uma ameaça à sociedade receptora, por isso a tradução de certos livros era censurada e proibida com a finalidade de impedir a entrada desses novos pensamentos produzidos em outra sociedade. Lefevere (1992: 14) argumenta que “as traduções podem ser uma potencial ameaça, porque elas confrontam a cultura receptora com outra, que possui uma forma distinta de interpretar o cotidiano e a sociedade, e essa forma de interpretação pode ser vista como potencialmente subversiva, por isso deve ser mantida fora”<sup>15</sup>. Victor Hugo (1802 – 1885), romancista, poeta e dramaturgo francês, também defende em seu ensaio de 1865 (1992: 18) que “quando uma tradução é oferecida a uma nação, esta quase sempre a considerará como uma ação de violência contra ela”<sup>16</sup>. Esses pontos de vista acusam o impacto negativo causado pela tradução na sociedade e contrariam, em alguns sentidos, as argumentações dos quatro teóricos abordados neste trabalho. Como vimos nos capítulos anteriores, eles apresentam, em seus trabalhos, uma argumentação positiva em relação à função da tradução na formação da identidade cultural de uma sociedade e verificaremos os pontos convergentes dessas teorias que apresentam outra face positiva da tradução.

Goethe apresenta o seu ponto de vista em relação à função da tradução como elemento que enriquece a cultura de chegada e, eventualmente, a cultura de partida, por estarem se influenciando mutuamente; portanto, podemos afirmar que, de acordo com o autor, a tradução tem um papel importante no processo de formação da identidade cultural. Entendemos que a identidade de cada povo possui características únicas, tendo recebido influências de culturas alheias e assimilado, ao longo da história, alguns aspectos dessas influências. Essas adoções e escolhas de aspectos culturais alheios devem ter sido feitas de uma forma própria por cada povo, pois mesmo que outro povo tenha tido acesso às mesmas obras traduzidas, a adoção e assimilação dos aspectos culturais presentes nessa obra serão distintas e demonstram a heterogeneidade desse fenômeno. O aumento do repertório cultural, certamente, enriquece a cultura e esse enriquecimento, por sua vez, permite que ela influencie outras culturas e, eventualmente, venha a influenciar a própria cultura da qual sofreu influência. O tradutor

---

<sup>15</sup> Este trecho foi traduzido pela autora deste trabalho, sendo original na língua inglesa: “Translations can be potentially threatening precisely because they confront the receiving culture with another, different way of looking at life and society, a way that can be seen as potentially subversive, and must therefore be kept out.” (Lefevere, 1992: 14).

<sup>16</sup> Este trecho foi traduzido pela autora deste trabalho, sendo original na língua inglesa: “When you offer a translation to a nation, that nation will almost always look on the translation as an act of violence against itself.” (Hugo, 1992: 18).

trabalha na introdução de obras estrangeiras para o seu público receptor, entretanto, durante o seu trabalho, será que ele está ciente de que sua função na sociedade é de extrema importância? A importância do tradutor na sociedade não é exagero, pois Goethe afirma que, como já apresentado neste trabalho, à página 15, o tradutor é “[...] um mediador que se esforça em promover esse intercâmbio espiritual universal [...]” e cita um trecho do Corão em que é expressa essa ideia: “Deus deu a cada povo um profeta em sua própria língua. Assim, cada tradutor é um profeta para seu povo”.

Assim como Goethe, Schleiermacher aborda, em seu ensaio, a introdução do conhecimento estrangeiro como fonte de enriquecimento da cultura de chegada. Goethe defende que a cultura de origem deve ser transmitida no texto de chegada e essa perspectiva é compartilhada por Schleiermacher. Este autor também considera que a tradução deve preservar essa transmissão e classifica a estratégia de tradução, a ser usada para tanto, como sendo a estratégia da “alienação”. A tradução feita por meio da alienação deixa o autor estrangeiro inerte e leva o leitor da obra traduzida ao encontro do autor, permitindo que o leitor tenha uma experiência estrangeira, sem a interferência de filtros da sua própria cultura. A inexistência de filtros, apesar de ser uma possível ameaça para valores culturais da língua de chegada, faz com que o público leitor possa fazer uma viagem fictícia ao espaço estrangeiro e essa viagem serve como um propulsor que move o público leitor a inovar e moldar sua cultura com os elementos culturais que ele absorveu nessa viagem. O tradutor possui um papel importante em todo esse processo, pois ele será o responsável pelo registro, no texto traduzido, de todos os aspectos culturais presentes no texto estrangeiro. Além disso, o tradutor também deverá ter o cuidado de fazer o seu trabalho ciente do perfil do público leitor e suas exigências.

Berman também compartilha pontos de vista semelhantes aos dois autores alemães citados acima e considera que a preservação do aspecto estrangeiro do original proposta por Schleiermacher como a ética da tradução. Berman respeita a manutenção do aspecto estrangeiro no texto original por ser uma identidade cultural já formada e distinta da cultura de chegada. Apagar ou deformar esse traço estrangeiro não contribuirá com o enriquecimento da cultura de chegada, pois um texto de chegada deformado apenas oferecerá mais uma leitura de obra doméstica e não conduzirá o leitor à experiência no espaço estrangeiro. O autor apresenta, em seu ensaio, doze tendências deformantes do texto traduzido que alteram o aspecto estrangeiro no texto de chegada, conforme já explicitado neste trabalho. Essas tendências de deformação são observadas no texto traduzido e, em muitos casos, esses textos

são produzidos de forma inconsciente pelo tradutor devido à extensa tradição e estrutura etnocêntrica de todas as culturas e línguas. A abordagem psicanalítica se faz necessária, segundo o autor, para que o tradutor tome ciência do que está fazendo e produza traduções mais próximas do original. A tradução significa muito mais do que uma operação linguística e a escolha da estratégia tem um grande efeito na sociedade, pois o texto deformado de forma etnocêntrica pode não trazer elementos culturais novos que possam influenciar e enriquecer a cultura de chegada.

Brisset apresenta, em seu ensaio, a manifestação das características linguísticas e culturais no texto traduzido. O procedimento descrito por essa autora traz grande similaridade com a estratégia de “naturalização” descrita por Schleiermacher e censurado por Berman. Este teórico considera a naturalização como tendência deformante do texto, que é um indicador do etnocentrismo presente na tradução. Apesar da aparente oposição entre as teorias defendidas por Berman e Brisset, esta compartilha a mesma ideia de etnocentrismo daquele, mas defende essa forma de tradução como manifestação da identidade cultural de forma positiva. A tradução, para a teórica, é um ato de reivindicação e recuperação da identidade de um povo e reflete o sentimento e ideologia nacionalista dos falantes do *québécois* na sua luta para a elevação de um dialeto para uma língua nacional e cultural. Além disso, não podemos deixar de observar que a autora traz elementos presentes nos ensaios de Goethe, Schleiermacher e Berman, no que diz respeito ao uso da tradução como formadora da cultura de um povo. A manifestação nacionalista, através da tradução e registro da sua própria cultura, busca seu reconhecimento como uma cultura autônoma a partir de sua posição de ex-colônia, que absorveu a cultura alheia, mas que agora procura irradiar a sua própria. Essa estratégia semelhante à naturalização pode ser considerada positiva, não como etnocêntrica, pois não é feita de forma imperialista como no passado, mas a partir da perspectiva cultural de minorias.

Após estudarmos os quatro teóricos, focarmos nos principais pontos de seus estudos e alinharmos os pontos convergentes, podemos fazer uma analogia entre a cultura e o solo de uma determinada região. Da mesma forma que o solo é formado por várias camadas que foram depositadas ao longo do tempo com a sedimentação das rochas, a cultura também é formada por várias camadas distintas formadas por ideias introduzidas pela tradução em diferentes épocas e depositadas no interior da cultura de um povo durante a sua existência. O resultado em ambos os casos é uma formação única e dependerá da forma como a cultura estrangeira é assimilada por essa sociedade. O tradutor possui um papel de extrema

importância nesse processo, pois ele é a ponte entre a cultura estrangeira e o público leitor. Cada povo possui a sua própria cultura, herdada dos seus ancestrais, cultura essa que, em muitos casos, é o resultado do contato com outras culturas e assimilação de alguns desses elementos culturais que foram adaptados e incorporados para a formação de identidade própria ao longo da história.

### **3.2. Tradução, cultura e sociedade**

Seria interessante também fazermos uma comparação entre as teorias dos quatro autores a partir da perspectiva da tradução e sua influência na cultura e na sociedade, e vice versa, ou seja, a influência da cultura e da sociedade na tradução. A tradução, como vimos no tópico anterior, tem o poder de influenciar, enriquecer e moldar a cultura de uma sociedade e estas, por sua vez, influenciam aquela de acordo com a sua necessidade.

Schleiermacher entende que o homem é controlado pela língua, pois ele pensa e se expressa através da língua que adquiriu por meio da educação desde o seu nascimento. Ao mesmo tempo, ele molda a sua língua e, com essa língua moldada por si mesmo, desenvolve suas próprias ciências e artes. A tradução não é uma exceção nesse processo, pois basta verificarmos a série de versões de tradução dos clássicos produzidas por séculos para observarmos que a tradução é moldada pelo povo ao longo da história. O tradutor produz seu texto de acordo com a necessidade da sociedade em que está inserido, pois a estratégia, o estilo, a escolha de palavras e até a seleção de obras a serem traduzidas dependem do público receptor. Essa influência do povo na tradução é um dos fatores que alavanca a formação e afirmação da identidade cultural desse povo.

Assim como Schleiermacher, Brisset também apresenta a forte relação entre língua, cultura e identidade e defende que a tradução é o fruto do povo falante da língua. A manifestação da ideologia nacionalista do povo revela sua reivindicação da própria autonomia territorial e política e a tradução, como uma das manifestações da identidade cultural, reflete a visão do público receptor. Como afirma Schleiermacher, o tradutor registra as diferenças linguísticas e culturais no seu texto traduzido. No caso do *québécois*, o tradutor registra não somente essas

diferenças, mas também um momento histórico desse povo de valorizar e reivindicar a sua própria identidade cultural após um longo período de colonização.

Berman critica a tendência etnocêntrica de negar os traços estrangeiros na tradução e identifica as doze estratégias de deformação do texto original, pois o teórico considera a ética da tradução receber o estrangeiro como ele é. Vale fazer uma comparação entre a elisão de sobreposição, uma das estratégias apresentadas por Berman, e a manifestação da identidade cultural defendida por Brisset. A elisão de sobreposição linguística é uma estratégia da tradução que tende a apagar traços de diferentes formas de língua coexistentes no texto de origem. Berman considera essa elisão etnocêntrica, assim como outras estratégias, e chama atenção do tradutor para que as sobreposições linguísticas existentes nas obras originais não sejam eliminadas. Essa estratégia é oposta à manifestação da identidade cultural apresentada por Brisset, pois esta é considerada pela autora como algo positivo e não sendo etnocêntrico, mas a elisão de sobreposição linguística é criticada pelo autor como uma distorção de elementos estrangeiros pela tradução por sua característica etnocêntrica. A partir da análise psicanalítica da tradução proposta por Berman, podemos observar como o texto original é deformado e essa tendência deformante é, muitas vezes, inconsciente ao tradutor devido à extensa tradição e estrutura etnocêntrica de cada cultura e língua. Por outro lado, teóricos como Bush (2009: 127), que analisou a tradução literária, mostram que o tradutor da literatura é bilingue e bicultural, por isso possui uma visão que transcende as fronteiras geográficas e artificiais criadas por razões políticas. No entanto, em uma cultura predominantemente monolíngue, como as culturas anglo-saxônicas, esse intercâmbio flexível e constante entre culturas é visto como uma ameaça. Poderíamos interpretar que essa tendência etnocêntrica em si é, também, uma forma de identidade cultural construída ao longo do tempo. Talvez as origens disso estejam no fato desse povo não ter muito contato com o estrangeiro, possuir uma diferença cultural muito grande e não conseguir aceitar o estrangeiro como ele é, ou, como proposto por Cheyfitz e apresentado na página 28 deste trabalho, ser herança do colonialismo ou do imperialismo.

Goethe defende que a tradução com o uso de linguagem simples e direta é a melhor para que todos possam compreendê-la. O que o teórico defende é uma estratégia parecida à “naturalização” proposta por Schleiermacher, embora o teórico tenha mudado, posteriormente, o seu ponto de vista, demonstrando a necessidade de trazer os elementos estrangeiros da obra original para contribuir com o enriquecimento da cultura de chegada, ou seja, aproxima-se da

estratégia “alienação” de Schleiermacher, conforme referida no tópico anterior deste capítulo. No primeiro momento, Goethe cita Lutero por este ter escolhido a linguagem no texto de chegada de acordo com a realidade do público de massa, considerando que a tradução da Bíblia por Lutero forjou a língua alemã no decorrer da tradução, porque “[...] assim eles compreenderão e se darão conta de que lhes estamos falando em alemão”, como proposto por Lutero e citado na página 32 deste trabalho. Além disso, Goethe cita o fato de as principais obras estrangeiras terem sido traduzidas com uma linguagem simples e direta, e por isso um grande número de alemães terem tido a vantagem de terem acesso às grandes obras como as de Shakespeare. Essa escolha lexical coincide com a proposta de Brisset que defende a importância de considerar o público leitor da tradução, no momento da escolha das expressões, ajustando o texto de chegada à realidade dos leitores. A teórica cita o mesmo trecho de Lutero que optou pelas expressões mais adequadas de acordo com a realidade cultural do público receptor. Assim como Goethe, Brisset avalia que a tradução causará um grande efeito na sociedade, quando o texto traduzido utilizar uma linguagem adequada à realidade do público leitor. Essa adequação na Alemanha de Lutero foi responsável pela popularização da Bíblia e, segundo Brisset, a adequação da tradução ao público leitor procura expressar e reforçar a ideologia nacionalista.

De acordo com Castells (1999: 72), “no mundo inteiro existe uma migração cada vez maior, o que aumenta a multietnicidade na maioria das sociedades desenvolvidas, aumentando o deslocamento da população internacional, e o surgimento de um conjunto de camadas múltiplas de conexões entre milhões de pessoas entre fronteiras e culturas”. Sabe-se que a globalização impulsionou o intercâmbio de mercadorias, informação, sobretudo o fluxo de pessoas, que levam consigo a língua e a cultura, em muitos casos, distintas do local de destino, aumentando ainda mais o intercâmbio e a diversidade linguística e cultural, e que esse intercâmbio enriquece a língua e a cultura do local de destino. Ao mesmo tempo, entretanto, vale lembrar que a globalização recebe críticas pelas várias consequências negativas e uma delas é a disseminação de uma única cultura padrão no mundo todo.

A tradução pode ser comparada com esse movimento mundial de integração. Assim como a globalização, a tradução impulsiona o intercâmbio de novas formas de interpretar o mundo e as culturas por meio da tradução de obras estrangeiras, que aumentam esse intercâmbio entre as culturas e enriquecem a cultura da sociedade receptora. Os teóricos abordados neste trabalho argumentam que a tradução deve manter traços estrangeiros ou manifestar a

identidade cultural estrangeira no texto traduzido, para que a contribuição da tradução nesse processo seja maximizada. Da mesma forma que a globalização estimulou a homogeneização da cultura no mundo, reduzindo a diversidade, a tradução naturalizada também reduz a diversidade cultural, pois ela, como criticado por Goethe, Schleiermacher e Berman, filtra os traços estrangeiros do texto original antes que eles cheguem ao público receptor, tirando a oportunidade desse público conhecer o estrangeiro e enriquecer sua cultura. Se aplicarmos essa analogia entre tradução e globalização na perspectiva teórica de Brisset, a redução de diversidade ocorre quando o texto original é traduzido para o francês padrão sem traços do *québécois*, pois para a autora o uso da língua vernácula é a manifestação da diversidade cultural e linguística dessa sociedade.

Calvet (2009: 34) afirma que no mundo existem entre 4000 e 5000 diferentes línguas, e outros linguistas afirmam que há mais. Isso significa que existem inúmeras sociedades, que abrigam em seu interior várias culturas em número equivalente ao de línguas existentes. Todas as sociedades produzem obras que contêm traços culturais próprios por meio de sua língua, pois, como Sapir afirma, a cultura pode ser definida como o que a sociedade faz e pensa (2000: 97) e a língua, por sua vez, como um guia simbólico da cultura (1949: 70). Todos os quatro teóricos abordados neste trabalho defendem a existência de uma forte ligação entre tradução, cultura e sociedade, com ênfase na contribuição da tradução na formação da identidade cultural. Após conhecermos as teorias apresentadas neste estudo, podemos afirmar que as culturas influenciam a tradução e ela, por sua vez, contribui com a construção de identidades culturais. As perspectivas dos quatro teóricos, embora nos pareçam divergir em alguns sentidos, aproximam-se e convergem na direção de que a tradução não é uma simples operação linguística em que o tradutor transfere automaticamente os signos linguísticos de uma língua para outra. O tradutor, como um especialista de línguas e culturas distintas, precisa examinar não somente o texto original e todo o contexto social e cultural em que o original foi produzido, mas também as sociedades envolvidas e o efeito da tradução nelas. Nesse sentido, este estudo comparativo entre as perspectivas dos quatro teóricos pretendeu contribuir para a sociedade, trazendo à luz a relação entre tradução e cultura. Queremos acreditar também na contribuição deste trabalho para a conscientização do tradutor pelo fato de o sucesso da comunicação depender das habilidades tradutórias dele em interpretar e transmitir os aspectos culturais ao público receptor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mitsugi (2010: 241), em seu posfácio, cita *As Viagens de Gulliver* (1726) de Jonathan Swift, que apresentou um episódio relacionado ao princípio de língua e tradução na terceira parte desse romance satírico. Em um mundo que Gulliver visitou durante sua viagem, os acadêmicos discutiam como poderiam melhorar a própria língua e um dos projetos para tanto foi comunicar-se sem falar idiomas, abolindo o uso oral de todas as palavras e apenas mostrando os objetos concretos, pois eles acreditavam que essa forma de comunicação seria, além de ser saudável, eficaz para se expressarem. Esse projeto não foi bem sucedido devido a oposição da grande maioria da população, que preferiu o uso da língua para comunicação, mas ainda havia alguns “sábios e inteligentes” que tentavam comunicar-se por meio da apresentação de objetos concretos sem o uso da língua, carregando nas costas um grande fardo de objetos.

A língua livrou a humanidade do peso dos objetos por meio da expressão linguística oral, e esse episódio de Swift ironiza algumas teorias linguísticas que apresentam uma realidade diferente da simples relação entre signos linguísticos e objetos. Fiorin (2007: 55) também cita o mesmo episódio e avalia que “[a] narração de Swift é uma ironia sobre as concepções vulgares que imaginam que a compreensão da realidade independe dos signos criados para nomeá-la, que a língua é uma nomenclatura que se aplica a uma realidade preexistente e não uma forma de categorizar, organizar e interpretar o mundo”.

Swift, no final desse episódio, também aborda a questão entre duas línguas distintas, ou seja, a questão em relação a tradução e interpretação.

[...] Outra grande vantagem proposta nessa invenção foi que essa forma de comunicação serviria como uma língua universal, para ser compreendida em todos os países civilizados, pois suas mercadorias e utensílios são geralmente os mesmos ou quase semelhantes, portanto o uso poderia ser compreendido facilmente. Dessa forma, os embaixadores estariam habilitados a comunicar-se com os diplomatas estrangeiros ou outras autoridades, mesmo que eles falassem línguas totalmente desconhecidas. (Swift)<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Este trecho foi traduzido pela autora deste trabalho, sendo original na língua inglesa: “Another great advantage proposed by this invention was, that it would serve as a universal language, to be understood in all civilised nations, whose goods and utensils are generally of the same kind, or nearly resembling, so that their uses might easily be comprehended. And thus ambassadors would be qualified to treat with foreign princes, or ministers of state, to whose tongues they were utter strangers.” SWIFT, Jonathan. “Chapter V, Part III: A Voyage to Laputa, Balnibarbi, Luggnagg, Glubbudrib, and Japan”. *Gulliver's Travels into Several Remote Nations of the World* (First published in 1726 – 7). Disponível em <<http://www.gutenberg.org/files/829/829-h/829-h.htm>>. Acesso em: 04 Abr. 2013.

Será que está certa essa forma de comunicação, apresentando os objetos sem aprender línguas e culturas estrangeiras nem ter a intermediação dos tradutores e dos intérpretes que possuem conhecimentos sobre línguas e culturas estrangeiras? Todos eles – os eruditos e sábios que carregam nas costas um grande fardo de objetos ou os embaixadores que tentam se comunicar por meio de apresentação dos objetos – não entenderam a verdadeira natureza da língua, por consequência, eles não entenderam a natureza da tradução e da interpretação. De acordo com Mitsugi (2010: 242), a ação de expressar emoções e vontades humanas se situa em outro extremo desse episódio satírico de Swift, pois as expressões utilizadas no domínio da ciência e da arte não se substituem pelos objetos concretos de forma tão simples. Como defendido por Schleiermacher e apresentado na página 17 deste trabalho, a linguagem do domínio da ciência e da arte está associada a conceitos específicos ligados a cultura, convenções sociais e sentimentos, e não necessariamente está ligada de forma direta à simples relação entre as expressões linguísticas e os objetos. A tradução, portanto, precisa buscar a autonomia com a finalidade de examinar as expressões e escolher entre as existentes a mais adequada e é a função do tradutor enfrentar as questões em relação a diferenças e semelhanças diacrônicas e geográficas, das estruturas linguísticas e gramaticais. Ao traduzir literatura e filosofia, essas questões surgem de forma concentrada, por isso existem, na história da humanidade, várias teorias sobre estudos da tradução.

Como expusemos na introdução deste trabalho, a língua é indispensável para a realização de comunicação e ela serve para categorizar, organizar e interpretar o mundo. Através da língua, adquirimos o conhecimento de mundo e formamos nossa própria bagagem cultural. Como cada comunidade tende a possuir uma visão de mundo compartilhada e, muitas vezes, distinta à de outra comunidade, cabe ao tradutor descobrir as diferenças culturais presentes no texto original e escolher as expressões linguísticas adequadas, para que o público receptor possa conhecer os traços estrangeiros presentes no texto original e, com isso, possa enriquecer sua cultura. Se um texto for produzido apenas com a transferência automática de signos linguísticos sem considerar a realidade vinculada à língua, como criticado por Swift, ocorrerão desentendimentos ao ler o texto traduzido. Essa é uma das razões pelas quais os quatro teóricos parecem concordar que a tradução não é uma mera operação linguística de uma língua para outra.

Observamos ao longo deste trabalho que as teorias apresentadas pelos quatro teóricos abordam as relações intrínsecas e inescapáveis entre tradução e cultura. Goethe sugere que o texto traduzido deve dar preferência a linguagem simples, clara e compreensível de acordo com a sensibilidade doméstica, mas também prefere um texto traduzido com traços estrangeiros para o entendimento do original. Schleiermacher retrata a influência mútua entre tradução e sociedade, e defende que o texto traduzido deve registrar as diferenças culturais do original, que proporcionam ao leitor a experiência do estrangeiro. Berman segue a linha de pensamento desses dois teóricos e mostra sua preferência em registrar o exotismo, criticando a negação do estrangeiro como um ato etnocêntrico. Finalmente, Brisset apresenta um movimento linguístico e político por meio da tradução como uma forma de afirmação da identidade cultural comunitária. Esses teóricos teceram suas argumentações acerca da tradução e, com a leitura de seus trabalhos, concluímos que eles concordam que os aspectos culturais influenciam o processo da tradução e a tradução contribui com a construção das identidades culturais das sociedades envolvidas. Essas argumentações se distanciam da hipótese de que a tradução é uma simples relação entre nomenclatura e objeto, também criticada por Swift, pois essa hipótese exclui todos os elementos que rodeiam a língua tais como cultura, realidade e visão de mundo. Reiterando, mais uma vez, o que vem sendo dito ao longo deste trabalho, podemos afirmar que a tradução é uma atividade que envolve a cultura e não é uma transferência automática de signos linguísticos de uma língua para outra, por isso ressaltamos a importância do papel do tradutor como um especialista de línguas e culturas distintas, pois ele não é um mero técnico da linguagem que executa a simples transferência interlingual, ou seja, é o responsável pela execução de uma atividade cognitiva e cultural.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### *Fundamentação metodológica*

LUNA, Sergio Vasconcelos de. *Planejamento de Pesquisa, uma introdução*. 2ª edição. São Paulo : Editora EDUC, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

Normas da ABNT: Citações e Referências Bibliográficas. Disponível em <<http://www.leffa.pro.br/textos/abnt.htm>>. Acesso em: 23 Fev. 2013.

### *Fundamentação teórica*

BERMAN, Antoine. (1984) *A prova do estrangeiro: Cultura e tradução na Alemanha romântica*. Bauru, SP: EDUSC, 2002. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut.

\_\_\_\_\_. *L'Épreuve de l'étranger: Culture et traduction dans l'Allemagne romantique: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*. Paris, Gallimard, coll. <Les Essais>, 1984. Versão em língua japonesa: アントワーン・ベルマン著、藤田省一[訳] 『他者という試練：ロマン主義ドイツの文化と翻訳』みすず書房、2008年。

\_\_\_\_\_. (1984) *The Experience of the Foreign: Culture and Translation in Romantic Germany*. New York: State University of New York Press, 1992. Translated by S. Heyvaert.

\_\_\_\_\_. (1985) “Translation and the Trials of the foreign”. Translated by Lawrence Venuti. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *The Translation Studies Reader*. Second Edition. New York and London: Routledge, 2000, p. 284 – 297.

BRISSET, Annie. (1990/1996) “The search for a native language: translation and cultural identity”. Translated by Rosalind Gill and Roger Gannon. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *The Translation Studies Reader*. Second Edition. New York and London: Routledge, 2000, p. 343 – 375.

BUSH, Peter. “Literary translation, practices”. In: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (Ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 2009, p. 127 – 130.

CALVET, L. –J. *La sociolinguistique*. Paris: Coll. <Que sais-je?> n° 2731, P.U.F., 1993. Tradução de HAGIO, S. Tokyo: Hakusuisha, 2009. Versão em língua japonesa: レイ＝ジャン・カルヴェ著、萩尾生[訳] 『社会言語学』白水社、2009年。

CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHEYFITZ, E. (1991) “The Poetics of Imperialism: Translation and Colonization from The Tempest to Tarzan”. New York and London: Oxford University Press. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *The Translation Studies Reader*. Second Edition. New York and London: Routledge, 2000, p. 337.

DANESI, Marcel. “Discourse and Variation”. In: *A Basic Course in Anthropological Linguistics*. Toronto: Canadian Scholars’ Press Inc., 2004, p. 121 – 136.

FIORIN, José Luiz. “Teoria dos signos”. In: *Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos*. São Paulo: Editora Cotexto, 2007, p. 55 – 74.

GOETHE, Johann Wolfgang von. (1824) from the “Writings on Literature”. In: LEFEVERE, André (Ed.). *Translation/History/Culture: A Sourcebook*. London and New York: Routledge, 1992, p. 24 – 25.

\_\_\_\_\_. (1819) “Translations from West-Östlicher Divan”. Translated by Douglas Robinson. In: ROBINSON, Douglas. *Western Translation Theory from Herodotus to Nietzsche*. Manchester, UK: St. Jerome, 1997, p. 222 – 224.

\_\_\_\_\_. (1819) “Translations from *West-Östlicher Divan*”. Translated by Sharon Sloan. In: SCHULTE, Rainer and BIGUENET, John (Ed.) *Theories of Translation – An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1992, p. 60 – 63.

\_\_\_\_\_. (1811 – 14) “Prose Translations from *Poetry and Truth*”. Translated by Douglas Robinson. In: ROBINSON, Douglas. *Western Translation Theory from Herodotus to Nietzsche*. Manchester, UK: St. Jerome, 1997, p. 222.

\_\_\_\_\_. (1813) “*The Two Maxims from Oration in Memory of Wieland, Our Noble Poet, Brother, and Friend*”. Translated by Douglas Robinson. In: ROBINSON, Douglas. *Western Translation Theory from Herodotus to Nietzsche*. Manchester, UK: St. Jerome, 1997, p. 222.

HUGO, Victor. (1865) “from the preface to the New Shakespeare Translation”. In: LEFEVERE, André (Ed.). *Translation/History/Culture: A Sourcebook*. London and New York: Routledge, 1992, p. 18.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. “Português do Brasil: a variação que vemos e a variação que esquecemos de ver”. In: *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Editora Contexto, 2007, p. 151 – 196.

INDEX *TRANSLATIONUM*. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organizations – UNESCO. Disponível em <<http://www.unesco.org/xtrans/bsstatlist.aspx>>. Acesso em: 04 Abr. 2013.

JAKOBSON, Roman. “Aspectos Linguísticos da Tradução”. In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, 2008, p. 63 – 72.

JOHANN JOACHIM ESCHENBURG. The 1911 Classic Encyclopedia: Based on the 11th Edition of the Encyclopedia Britannica (pub. 1911). Disponível em <[http://www.1911encyclopedia.org/Johann\\_Joachim\\_Eschenburg](http://www.1911encyclopedia.org/Johann_Joachim_Eschenburg)>. Acesso em: 23 Fev. 2013.

KATAN, David. *Translating Cultures: An Introduction for Translators, Interpreters and Mediators*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1999.

KITTEL, Harald. & POLTERMANN, Andreas. “The German tradition”. In: BAKER, Mona (Ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London and New York: Routledge, 2001, p. 418 – 428.

LEFEVERE, André (Ed.). *Translation/History/Culture: A Sourcebook*. London and New York: Routledge, 1992.

MITSUGI, Michio. *Shisou to shiteno honyaku: Goethe kara Benjamin, Broch made*. Tokyo: Hakusui sha, 2010. Texto original em língua japonesa: 三ッ木道夫[編訳] 『思想としての翻訳：ゲーテからベンヤミン、ブロッホまで』白水社、2010年。

MUNDAY, Jeremy. *Introducing translation studies*. New York: Routledge, 2001.

OUSTINOFF, Michaël. (2003) *Tradução: História, teoria e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. Tradução de Marcos Marcionilo.

SAPIR, Edward. (1921) *Language: An Introduction to the Study of Speech*. New York: Bartleby.com, 2000.

\_\_\_\_\_. *Culture, Language and Personality: Selected Essays*. Berkley and Los Angeles: University of California Press, 1949.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. (1813) “On the different methods of translation”. Translated by Waltraud Bartscht. In: SCHULTE, Rainer and BIGUENET, John (Ed.) *Theories of Translation – An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1992, p. 36 – 54.

\_\_\_\_\_. (1813) “On the different methods of translation”. Translated by Douglas Robinson. In: ROBINSON, Douglas. *Western Translation Theory from Herodotus to Nietzsche*. Manchester, UK: St. Jerome, 1997, p. 225 – 238.

\_\_\_\_\_. (1813) *Sobre os diferentes métodos de traduzir*. Tradução: Celso Braida. *Princípios*. Natal, v. 14, n. 21, jan/jun, 2007. Disponível em: <<http://www.principios.cchla.ufrn.br/21P-233-265.pdf>>. Acesso em: 04 Nov. 2012.

SIMON, Sherry. “Translating and interlingual creation in the contact zone: border writing in Quebec”. In: BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish (Ed.). *Post-colonial Translation: Theory and practice*. London and New York: Routledge, 1999, p. 58 – 74.

STRICH, F. *Goethe und die Weltliteratur*. Berna: Francke Verlag, 1946. *apud* BERMAN, Antoine. (1984) *A prova do estrangeiro: Cultura e tradução na Alemanha romântica*. Bauru, SP: EDUSC, 2002. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut.

SWIFT, Jonathan. “Chapter V, Part III: A Voyage to Laputa, Balnibarbi, Luggnagg, Glubbudrib, and Japan”. *Gulliver's Travels into Several Remote Nations of the World* (First published in 1726 – 7). Disponível em <<http://www.gutenberg.org/files/829/829-h/829-h.htm>>. Acesso em: 04 Abr. 2013.

TUTEN, Donald N. “Koineization”. In: LLAMAS, Carmen; MULLANY, Louise; STOCKWELL, Peter. *The Routledge Companion to Sociolinguistics*. London and New York: Routledge, 2007, p. 185 – 191.

UNIVERSITY OF OTTAWA. Disponível em: <<http://www.translation.uottawa.ca/faculty/abrisset.html>>. Acesso em: 03 Fev. 2013.

VALDES, Joyce Merrill. *Culture Bound: Bridging the Cultural Gap in Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, *apud* KATAN, David. *Translating Cultures: An Introduction for Translators, Interpreters and Mediators*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1999.

VENUTI, Lawrence. “Invisibility”. In: *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London and New York: Routledge, 1995, p. 1 – 42.

\_\_\_\_\_. “Nation” In: *The Translator’s Invisibility: A History of Translation*. London and New York: Routledge, 1995, p. 99 – 147.

\_\_\_\_\_. “Strategies of Translation”. In: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (Ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 2009, p. 240 – 244.

\_\_\_\_\_. “1980s”. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *The Translation Studies Reader*. Second Edition. New York and London: Routledge, 2000, p. 213 – 220.

\_\_\_\_\_. “1990s”. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). *The Translation Studies Reader*. Second Edition. New York and London: Routledge, 2000, p. 331 – 342.

WOLTON, Dominique. “L'autre mondialisation” Paris: Flammarion, 2003, p. 101. *apud* OUSTINOFF, Michaël. *Tradução: História, teoria e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. Tradução de Marcos Marcionilo.

YULE, George. “Language history and change”. In: *The Study of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 224 – 238.